

OS POETAS CEARENSES E A ABOLIÇÃO

Sânzio de Azevedo

Poucos cearenses talvez desconheçam que há um século, no dia 25 de março de 1884, foi abolida a escravidão no Ceará. No ano anterior, em 1º de janeiro, a Vila do Acarape havia libertado seus cativos passando por isso a chamar-se Redenção. (60 anos depois esse feito seria celebrado no poema **Redenção**, de Otacílio de Azevedo, ali nascido.)

Tudo havia começado com a sociedade “Perseverança e Porvir”, fundada em 1879, de onde nasceria, no ano seguinte, a “Sociedade Cearense Libertadora” cujo órgão na imprensa era o **Libertador**, que circulou de 1881 a 1892, e foi um dos mais importantes jornais que teve nossa terra.

Vinham de longe, no Brasil, os anseios libertários, mas, como observa Raimundo Girão em seu livro **A Abolição no Ceará**, depois de aludir às três fases que, segundo Oliveira Viana, atravessou o pensamento abolicionista no Rio, “A rapaziada da Libertadora vivia, antecipadamente, a derradeira fase, quando na Corte o movimento ainda não perdera o tom da emancipação lenta, toda respeitosa aos direitos dos senhores dos cativos.” Por isso, pôde o Ceará oferecer à Nação “o exemplo do seu 25 de março”. (1)

A esse movimento que empolgou a todos, e cujos frutos são uma das glórias maiores do nosso povo, não poderiam ficar insensíveis os nossos poetas e, a exemplo de Castro Alves, muitos foram os versejadores que espalharam estrofes em prol da causa dos negros oprimidos.

1) GIRÃO, Raimundo. **A Abolição no Ceará**. 2ª ed. Fortaleza, Secretaria de Cultura do Ceará, 1969, p. 67.

Dissemos “a exemplo de Castro Alves”, mas, segundo Antônio Sales o nosso Juvenal Galeno, além de poeta popular: “foi também talvez o primeiro poeta abolicionista do Brasil”. (2) Na verdade, o poeta das **Espumas Flutuantes** começou a escrever versos sobre os escravos em 1863, e é pouco provável que o poeta cearense conhecesse algum deles em 1864, quando escreveu “A Escrava”, que figura nas **Lendas e Canções Populares**, de 1865:

— Oh vinde... e dizei comigo:
Ai de quem vive servil
Sob o jugo desumano
D’essa lei ferrenha e vil...

Nas Notas no final do livro, transcreve o poeta a carta que enviou a D. Maria Bárbara Gaioso, que fundara na Paraíba uma sociedade “com o fim de libertar os escravos”, e a quem é dedicado o poema. A carta, datada de março de 1864, termina com o poeta dizendo, a propósito da dedicatória: “consenti que assim prove a veneração e estima que vos consagro; e que assim proteste a minha adesão à missão divina de que vos encarregastes. Aceitai-a, e escrevei o meu nome na lista de vossos consócios”. (3) No livro de Galeno há outros textos condenando a escravidão, como “O Escravo”, “O Escravo Suicida” e “A Noite na Senzala”. Na segunda edição da obra, entre as “Novas Lendas e Canções Populares” figura “O Abolicionista”, que traz data de 1882, e que diz:

Sou com todo o entusiasmo
Soldado abolicionista!
Da falange remidora
Meu nome escrevi na lista.
E nos Santos Evangelhos
De minh’alma pondo a mão,
Jurei dar a própria vida
P’ra acabar a escravidão!

2) SALES, Antônio. **Retratos e Lembranças**. Fortaleza, Valdemar de Castro e Silva, 1938, p. 53.

3) GALENO, Juvenal. **Lendas e Canções Populares**. 2ª ed. Ceará, Buálter R. Silva, 1892, p. 611.

Barbosa de Freitas, o poeta byroniano que se finaria em 1883, aos 23 anos depois de uma vida de verdadeiro boêmio, escreveu uma "Homenagem à Sociedade Cearense Libertadora", em 28 de setembro de 1881:

Maldito o que sustenta e o que protege
A causa infame e vil dos tais **senhores**,
Que dardejam seu látego infamante
Fazendo ao pobre irmão sofrer mil dores!...
A vossa causa é santa, oh! lidadores!
Filhos do séc'lo, atletas da igualdade,
Não trepideis um passo! que a conquista
É p'ra honra salvar da humanidade!

Nas suas **Poesias** (1892) há outros poemas sobre o mesmo assunto, como o acróstico "À S. Cearense Libertadora" e "Ave Libertas".

Oliveira Paiva, que haveria de consagrar-se como ficcionista, publicou **Zabelinha ou na Tacha Maldita** (1883) e **Vinte e Cinco de Março** (1884), poemas fracos como obra literária mas cheios de indignação contra o cativo em nossa terra.

Cipriano de Miranda intitula toda a primeira parte de seu livro **Poemas e Versos** (1885) "A Libertação do Ceará ou a Epopéia da Luz", longo poema em nove partes, numa das quais diz, lembrando a dicção dos versos de cordel:

Quando a luta se findara,
O progresso então cresceu;
Cresceu tanto que assombrara
Ao próprio Cristo no Céu!
A Igualdade estendeu-se,
A Liberdade rompeu-se
D'um dique, alagando o chão!
A instituição infamante,
No Brasil agonizante,
— Era (horror!) a Escravidão!!!

No **Libertador** de 2 de fevereiro de 1883, Rodolfo Teófilo estampa seu poema "Saudação", em que celebra a libertação dos escravos em Pacatuba. Esse poema, não incluído pelo au-

tor em livro, está transcrito em **Pacatuba** — geografia sentimental (1972), de Manoel Albano Amora.

Antônio Bezerra, no livro **O Ceará e os Cearenses** (1906), reproduz na íntegra o artigo de José Marrocos intitulado “No dia da Pátria e da Liberdade — a festa da libertação de 35 escravos”, publicado no **Libertador** de 3 de abril de 1884. Nesse artigo narra o jornalista, com pormenores, a festa do dia 25 de março, com seus discursos inflamados e suas declamações arrebatadas, transcrevendo versos de Antônio Olímpio Frederico Severo e Antônio Martins.

Como assinala Raimundo Girão no citado **A Abolição no Ceará**, os jornais de 1881 a 1884 estão cheios de versos de caráter abolicionista, e, além dos poetas já aqui citados, menciona ainda João Batista Perdigão de Oliveira, Serafina Pontes, Joaquim Dias da Rocha, Emília Freitas, Augusto Xavier de Castro, F. F. Bezerril, Cunha Werres, Padre Frota e José Patrício de Castro Natalense.

Aliás, Antônio Sales já escreveu, falando do movimento abolicionista no Ceará: “Semelhante cruzada não podia deixar de ter seus bardos e teve-os em quantidade infinita: toda a gente fez verso naquele tempo. Mas, os três poetas oficiais do movimento foram Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa e Antônio Martins que reuniram mais tarde as suas peças de propaganda com o título de **Três Liras**”.(4)

Esse “mais tarde”, entretanto, não se refere a um espaço de tempo muito longo: as **Três Liras**, que são divididas em tantas partes quantos são os autores (“Lampejos”, de Antônio Bezerra; “Cintilações”, de Justiniano de Serpa, e “Harpejos”, de Antônio Martins), foram publicadas em 1883, precisamente no ano em que Acarape libertou seus escravos, e um ano antes da abolição em todo o Estado, o que significa dizer cinco anos antes da Lei Áurea.

Antônio Bezerra de Menezes, literariamente ANTÔNIO BEZERRA (1841-1921), que havia publicado em 1871 os **Sonhos de Moço**, e que anos depois haveria de obter renome como histo-

4) SALES, Antônio. “História da Literatura Cearense”. In: GIRÃO, Raimundo & MARTINS FILHO. **O Ceará**. Fortaleza, Editora Fortaleza, 1939, p. 97

riador e estudioso das coisas do Ceará, autor de vários ensaios da maior importância, tendo brilhado intensamente no jornalismo derrama-se em estrofes do teor destas de "Versos":

Moços! uma grande idéia
Vos anima os corações,
Quereis erguer no futuro
O mais belo dos padrões!
Sim, que vos sobre energia,
E tendes n'alma a magia
Que gera as revoluções;
Se a turba não vos entende...
Dos moços é que depende
O destino das nações.

Sois poucos, mas resolutos,
Cheios de crença e valor,
São nobres vossos esforços,
E muito mais vosso amor;
Amor à causa sublime
Daqueles a quem oprime
O estigma da escravidão,
A quem só coube por sorte
Miséria e dor — té que morte
Os livre à degradação.

.....
Avante! que a vossa idéia
Resume a grande epopéia
Que há de um povo remir,
Pois, já com fé verdadeira
Gravais em vossa bandeira
— Perseverança e Porvir!

Justiniano José de Serpa, literariamente JUSTINIANO DE SERPA (1856-1923), homem de origem humilde que chegaria ao cargo de Presidente do Estado, publicou ainda **Oscilações** (1883) e **Sombras e Clarões** (1885), dedicando-se posteriormente ao ensaio sobre Educação e Direito. Conta-se que abominava as produções da juventude, do tempo em que cantava assim, como nestes versos de "Bravos":

Estamos em pleno templo
Da Liberdade e da luz!
Como é belo o vosso exemplo!
Como arrebata e seduz!
Redimis a quem na vida
Tinha a esperança perdida
E como eterno o sofrer!
Da noite do esquecimento,
Onde dói tanto o tormento,
Oh! resgatais a mulher!
Quão bela é vossa missão,
Sublimes Libertadoras!
As sombras da escravidão
Vós transformais em auroras!

.....

Anjos bons do Paraíso,
Fazeis de cada sorriso
Poemas de Redenção;
Partis do escravo as cadeias,
Delas fazeis epopéias,
Em honra desta nação!

Antônio Dias Martins Júnior, literariamente ANTÔNIO MARTINS (1852-1895), que pontificara no jornal **Mocidade** ao tempo de Joaquim de Sousa, e seria uma das grandes figuras do Clube Literário, colaborando ativamente n'**A Quinzena**, era, além de notável jornalista, orador de alto mérito. Tem razão o historiador Raimundo Girão quando diz que ele é, dos três, "o mais poeta, o que mais esteve na intimidade das filhas de Zeus".(5) De sua autoria é a letra do "Hino à Redenção da Província" do qual transcrevemos algumas estrofes:

Cearenses, cruzados da Glória,
Nossa terra está livre de escravos!
Hoje abriu-se no escopro da História
O padrão deste povo de bravos.

5) GIRÃO, Raimundo, op. cit., p. 204.

Vitória! Vitória! Bradai cidadãos!
No lar de Iracema são todos irmãos!

Já não geme algemado no açoite,
Oprimido, infeliz, nosso irmão;
Nem os ventos das trevas da noite
Chora os prantos da vil servidão.

.....

Estas plagas da livre Jangada,
De Alencar e de Pedro Pereira,
Hão de ser a Caaná inspirada
Da total Redenção Brasileira!

.....

Salve! ó dia almejado da Glória,
Alvorada do Império da Cruz!
Salve! aurora da Paz, da Vitória!
Salve! ó filhos da Terra da Luz!

Temos de lembrar, como o fizemos em nossa **Literatura Cearense** (1976), que os poemas sobre a causa abolicionista eram feitos geralmente para serem declamados em praça pública, dependendo não só de sua qualidade estética, mas também de uma série de significantes parciais, como a entonação, talvez a mímica, e sobretudo o local e o momento da recitação quando toda uma multidão aguardava ansiosa as palavras candentes que haveriam de empolgar-lhe o espírito ávido de luta contra a escravidão.

Podem portanto não ser da maior categoria estética os poemas que o abolicionismo arrancou à lira de nossos poetas, ao tempo do Romantismo. Representam eles, entretanto, a importância do movimento libertador, e o testemunho de que a poesia do Ceará não ficou indiferente à generosa causa, e seja como for, os nossos poetas, principalmente Bezerra, Serpa e Martins, ajudaram a escrever uma das mais belas páginas da História do Ceará.

